



Caminhos para uma Hermenêutica da Arquitetura: análise da teoria de Lindsay Jones

Paths towards a Hermeneutics of Architecture: analysis of Lindsay Jones' theory

SOUZA, Isabella Gaspar¹
ALMEIDA, Jaime Gonçalves de ²

¹ Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasil. isabella.g.sousa@gmail.com
ORCID 0000-0001-7648-2681

² Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasil. jagal@unb.br
ORCID 0000-0002-0474-9137
Recebido em 30/01/2020 Aceito em 03/03/2020

Resumo

Embora a hermenêutica seja tradicionalmente conhecida como uma metodologia de interpretação textual, a hermenêutica moderna engloba questões que envolvem não somente o texto escrito, mas o processo interpretativo como um todo, incluindo formas verbais e não verbais de comunicação. Uma obra arquitetônica, cuja própria constituição apresenta interpretações históricas e culturais, não pode ser entendida como um objeto isolado do mundo e nem se limitar a uma interpretação individual. Este artigo pretende então analisar os conceitos da “hermenêutica da arquitetura sagrada” concebida por Lindsay Jones, procurando identificar as potencialidades desta teoria para a compreensão dos significados de obras arquitetônicas. Deduz-se que abordagem hermenêutica do autor ao focar nas interações e experiências do usuário com a edificação, e opor-se à apreensão exclusivamente estética da arquitetura, apresenta uma nova forma de interpretar os significados das edificações e fornece ferramentas importantes para assegurar o caráter democrático e heterogêneo da interpretação hermenêutica.

Palavras-Chave: Teoria; Hermenêutica; Arquitetura; Interpretação; Lindsay Jones.

Abstract

Although hermeneutics is traditionally known as a methodology of textual interpretation, modern hermeneutics encompasses issues that involve not only written texts, but the interpretive process as a whole, including verbal and non-verbal forms of communication. The constitution of an architectural work presents historical and cultural interpretations, so buildings cannot be understood as an isolated object from the world and cannot be limited to an individualized interpretation. Thus, this article intends to analyze the concepts of the “hermeneutics of sacred architecture” conceived by Lindsay Jones in order to identify the potential of his theory for understanding the meanings of architectural works. It is deduced that the author's hermeneutic approach, by focusing on user interactions and experiences with the building and opposing the exclusively aesthetic apprehension of architecture, presents a new way of interpreting the meanings of buildings and provides important tools to ensure the democratic and heterogeneous character of the hermeneutic interpretation.

Key-Words: Theory; Hermeneutics; Architecture; Interpretation; Lindsay Jones.



1. Introdução

Segundo Nesbitt (2013), ao longo da história da arquitetura é possível distinguir a recorrência de certas problemáticas que demandam soluções conceituais e/ou materiais. Enquanto as questões materiais são abordadas pela tectônica, as questões conceituais devem ser pensadas por uma perspectiva filosófica. Entre estes assuntos teóricos recorrentes (e permanentes) estão os problemas relativos ao significado da arquitetura.

Conforme Waisman (2013) não é simples (de forma alguma) tentar descobrir qual a interpretação significativa de um produto arquitetônico. Para a historiadora o caráter do significado é cultural e histórico, sendo impossível compreender a arquitetura simplesmente como um objeto isolado, pois o objeto isolado em si mesmo carece de significado. Já Kidder (2013) observa que o próprio processo de criação de uma obra arquitetônica envolve interpretações históricas e culturais, por isso seria necessário e enriquecedor para o arquiteto compreender a maneira pela qual esses aspectos podem ser interpretados na edificação, o que poderia ser conseguido através da hermenêutica.

A hermenêutica moderna, a partir de filósofos como Heidegger e principalmente Gadamer, passou a englobar questões que envolvem o processo interpretativo na totalidade tornando-se uma filosofia universal da interpretação e não somente uma técnica para interpretar textos. Para Gadamer (1999) qualquer experiência humana em que as pessoas aprendem, crescem ou se permitem ser transformadas de maneiras significativas é uma ocasião de interpretação hermenêutica. Assim, a pergunta pelo significado da obra de arte deve ultrapassar a consciência estética e se direcionar para uma dimensão que possa extrair da obra de arte aquilo que acontece na sua experiência. É o tratamento hermenêutico da obra de arte que faz com que a mesma revele sua significância, sua verdade.

Nas últimas décadas pesquisadores como Pérez-Gómez (1999), Snodgrass e Coyne (1997, 2006) e Kidder (2013) tem buscado demonstrar a importância da abordagem hermenêutica gadameriana para o entendimento da arquitetura, principalmente dentro do próprio processo projetual do arquiteto:

(...) design activity proceeds by way of a hermeneutical circle, involving the projection of preunderstandings and a dialogical structure of question and answer. Design does not fall within the domain of natural science with a base in formal logic, but belongs rather to the domain of the human and hermeneutical sciences with a base in the processes of understanding and interpretation (SNODGRASS e COYNE, 1997, p.65).

Entretanto, esta ainda é uma abordagem pouco difundida dentro do campo disciplinar da arquitetura. Entre os estudos que tentam efetivamente demonstrar caminhos e ferramentas para a aplicação da interpretação hermenêutica em obras arquitetônicas, podemos citar a pesquisa do historiador norte-americano Lindsay Jones (2016a, 2016b) que, com base na teoria de Gadamer, enfatiza a necessidade de abordar as relações dinâmicas entre as pessoas e a edificação; relacionando a arquitetura com os eventos que se desenrolam no espaço construído. Para Jones, o significado da arquitetura não se encerra no âmbito da sua criação, pois depende de sua relação com os seres humanos – os que a produziram, os que a usaram, os que a usam, os que a viram e os que a veem hoje – o que implica tanto na multiplicidade de leituras como também na transformação desses significados ao longo da história da edificação. O presente artigo analisa então os principais conceitos da “hermenêutica da arquitetura sagrada” proposta por Jones, buscando identificar as potencialidades desta possibilidade metodológica para a interpretação do espaço edificado. Inicialmente são apresentados os precedentes teóricos que fundamentam o trabalho de Jones e depois são desenvolvidos os conceitos de “evento arquitetônico” e “mecanismo da arquitetura” que dão suporte aos processos comparativos sincrônicos e diacrônicos propostos para compreender as edificações. Por fim são discutidos os protocolos para a elaboração de histórias da recepção arquitetônica, meta final da abordagem hermenêutica da arquitetura deste autor.



2. Precedentes Teóricos

A palavra hermenêutica remonta etimologicamente ao verbo grego “*hermeneuein*”, que significa interpretar, e ao substantivo “*hermeneia*” relacionado à interpretação (PALMER, 2006). Alguns estudiosos apontam a origem do nome ao deus grego Hermes, que traduzia as mensagens dos deuses do Olímpo para os humanos, trazendo para a compreensão humana algo que antes era incompreensível. Enquanto teoria da interpretação, desde a Antiguidade Clássica o termo hermenêutica passou a ser usado e desenvolvido por disciplinas tais como direito, teologia e literatura. O tipo de hermenêutica praticado por essas disciplinas, a chamada hermenêutica tradicional, designava mais uma capacidade natural do homem, a arte de compreender os outros e de se entender com eles através da palavra.

É somente a partir do séc. XIX, com Schleiermacher (1768-1834), que a Hermenêutica deixa de ser uma técnica auxiliar da teologia, filologia ou direito, e alcança o status de uma teoria autônoma sobre os processos de compreensão e interpretação (SCHMIDT, 2012). Entretanto, será com Heidegger (1889 – 1976) e depois Gadamer (1900 – 2002) que a Hermenêutica irá alcançar um novo sentido, deixando definitivamente o registro psicológico e epistemológico e sendo conduzida para o centro da reflexão filosófica.

Em Heidegger observa-se um rompimento com a perspectiva metodológica e normativa anteriores. A compreensão passa a ser entendida como categoria essencial da existência humana (modo de ser do *Dasein*), e a metodologia será substituída por uma análise fenomenológica. Pode-se falar então de uma “virada existencial da hermenêutica” uma vez que esta “mudará de objeto, deixando de incidir sobre os textos ou sobre as ciências interpretativas para incidir sobre a própria existência” (GRONDIN, 2012, p. 38). Apesar de ter continuado a interpretar textos, tanto poéticos quanto filosóficos, em sua investigação do “sentido do ser”, Heidegger acabou abandonando o termo “hermenêutica” em seus últimos escritos. Os estudos hermenêuticos do filósofo foram posteriormente explorados por Bultmann, Ricoeur e Derrida, mas seu seguidor mais próximo foi Gadamer (1900-2002), que se tornou a figura decisiva para o desenvolvimento da hermenêutica no século XX ao publicar *Verdade e Método* (1960), nomeando sua teoria de hermenêutica filosófica.

Contrária à posição positivista, que vê a verdade como infinita e imutável, a hermenêutica filosófica de Gadamer demonstra que a verdade é histórica, pois enquanto indivíduos somos inescapavelmente históricos e parte da tradição. O presente só se torna compreensível em função do passado, com o qual forma uma continuidade histórico-efetiva, e o passado só consegue ser assimilado do nosso ponto de vista dentro do presente. Para o filósofo a experiência hermenêutica, em virtude do seu caráter histórico-dialético, tem a ver com tradição, que vista enquanto linguagem nos fala por si mesma como algo estranho, funciona como um “tu”. Assim como a tradição, o outro, não deve ser concebido como um acontecimento controlável através da experiência.

Gadamer (1999) apresenta então a “experiência do tu” como a experiência na qual o objeto da experiência se personifica, demonstrando três maneiras de experimentar e compreender o “tu”. A primeira “experiência do tu” é superficial e acontece sob a forma da observação do comportamento do outro, convertendo o tu em objeto de análise, sem se permitir ser afetado por ele. É a experiência enquanto experimento. A segunda maneira de experiência reconhece o tu como pessoa, porém com referência ao próprio intérprete, que pretende compreender o outro (o tu) melhor que ele mesmo se compreende. Segundo o filósofo, esta pretensão de compreender o outro, antecipando-lhe, é uma forma de manter à distância a pretensão do outro. Já a terceira maneira de experimentar o tu seria a experiência verdadeiramente hermenêutica, a qual requer um rompimento com formas de reconhecimento instrumentalizadoras, se abrindo à tradição e assumindo a consciência da história efetual. Não são impostas pretensões ou concepções prévias acerca do outro. A abertura deve acontecer de forma mútua, entre quem “escuta” e quem “fala” algo, mesmo que isso venha a frustrar



as expectativas do próprio intérprete, pois a abertura para o outro significa “o reconhecimento de que devo estar disposto a valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o vá fazer valer contra mim” (GADAMER, 1999, p.532).

Dessa forma, para entender um texto (ou qualquer outra coisa), devemos estender nossos horizontes de significados e suposições históricas para se incluir e se fundir com o horizonte dentro do qual o texto está situado. Assim, a interpretação pressupõe uma “pré-compreensão” historicamente determinada (preconceitos) e envolve uma “fusão de horizontes”, o horizonte mútuo do intérprete e da coisa a ser interpretada. Atos de interpretação são sempre parte de um diálogo, uma conversação com e dentro da tradição. Como a verdade só consegue emergir através do diálogo, a proposta é manter um constante interpretar até que os conceitos prévios deixem de sê-los, e ao longo da comunicação, novos conceitos possam ser descobertos (círculo hermenêutico). O diálogo é trazido na sua essência através da linguagem, que domina nossa percepção de mundo e é vista por Gadamer (1999) como o meio pelo qual podemos entender a natureza do ser e interpretá-la.

Além do entendimento histórico e da linguagem, outra experiência da verdade abordada em *Verdade e Método* é a arte, que aqui não é considerada um estado alterado do sentimento individual, mas um ponto de acesso às verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos:

A obra de arte não oferece apenas uma fruição estética, ela é, num primeiro momento, um encontro de verdade, afirma firmemente Gadamer. Reduzir a obra de arte a uma questão puramente estética é fazer o jogo da consciência metódica, que reivindica um monopólio sobre a noção de verdade, limitada à ordem daquilo que é cientificamente cognoscível (GRODIN, 2012, p.65).

Desse modo, a hermenêutica filosófica sugere uma nova estrutura de relação com a obra de arte, que supere a relação epistemológica sujeito x objeto da estética moderna. Gadamer pretende recuperar um caráter mais geral da experiência da obra de arte, considerada em sua essencial conexão com seu mundo, e não separada do mesmo como um objeto a ser desvendado. Apesar de ter tematizado a arquitetura de modo secundário em suas obras, o filósofo demonstra que como configuradora de espaços por excelência, a arquitetura abrange o conjunto de todas as artes ao proporcionar o lugar para a representação destas, e enfrenta como nenhuma outra a difícil mediação entre passado e presente. Pode-se dizer então que Gadamer concebe o sentido hermenêutico da arquitetura enquanto uma arte que por sua própria natureza está referida à práxis vital (SARAMAGO, 2006; BATISTA, 2013).

3. A Hermenêutica da Arquitetura de Lindsay Jones

Professor emérito de história da religião na *Ohio State University* (EUA), Lindsay Jones possui várias pesquisas publicadas dentro das áreas de cultura e religiões da Mesoamérica, além de diversos estudos comparativos de arquitetura religiosa. Em 1995 seu livro *Twin City Tales: a Hermeneutical Reassessment of Tula and Chichén Itzá*, desenvolveu um modelo hermenêutico para analisar a aparente semelhança entre duas antigas cidades mesoamericanas: Tula e Chichén Itzá. Porém, foi na extensa obra “*The Hermeneutics of Sacred Architecture: experience, interpretation, comparison*”, originalmente lançada no ano 2000 e reeditada em 2016 (contando com sete volumes), que o pesquisador pôde aprofundar suas concepções sobre hermenêutica e arquitetura em geral.

Mesmo apresentando afiliações com interpretações fenomenológicas do ambiente construído, é principalmente a partir da hermenêutica filosófica de Gadamer que Jones irá desenvolver sua “hermenêutica da arquitetura sagrada”, propondo uma abordagem experimental para a arquitetura (especialmente a de cunho religioso) ao relacionar a mesma com os eventos que acontecem no espaço edificado.

3.1. Eventos Arquitetônicos

Para Gadamer (1999) a experiência da obra de arte (incluindo arquitetura) está aberta para



intermináveis reinterpretações e revalorizações porque contêm um reservatório inesgotável de possibilidades ontológicas. A riqueza de significado das obras de arte permite que elas permaneçam sempre abertas para novas interpretações. Seguindo este pressuposto, Jones (2016a, 2016b) afirma que a arquitetura (especialmente a religiosa) é um espaço de plenitude de significado ontológico. Assim, não devemos tentar decifrar o significado das edificações como se estes fossem exatos, inatos e imutáveis, ignorando a “subjetividade” da experiência humana.

Com base nos estudos de Bruno Zevi¹ (1996) e Roman Ingarden² (1989), o pesquisador declara que a experiência da arquitetura é singularmente móvel e transitória, o que reforça a necessidade da interpretação da obra arquitetônica ser baseada em eventos e não unicamente em objetos. A problematização dos significados arquitetônicos requer então que o foco da investigação seja deslocado do estudo das edificações em si para o estudo das interações dinâmicas e flutuantes entre pessoas e edifícios (as experiências), particularmente no contexto do ritual, englobando assim uma dimensão mais (inter)ativa de concepção da experiência da arquitetura. O significado não é visto como uma condição ou qualidade inerente ao edifício, mas como algo que surge a partir do encontro entre a pessoa e o edifício em uma situação de ritual, o que é nomeado de “*ritual architectural events*” ou “eventos arquitetônicos”³:

(...) the locus of meaning resides neither in the building itself (a physical object) nor in the mind of the beholder (a human subject), but rather in the negotiation or the interactive relation that subsumes both building and beholder – in the ritual-architectural event in which buildings and human participants alike are involved. Meaning is not a condition or quality of the building, of the thing itself; meaning arises from situations. The meaning of a building, then, must always be a meaning for some specific person at some specific time in some specific place. (JONES, 2016b, Vol. I.1, p.41)

Ao compor este conceito, Jones (2016b) faz um paralelo entre a recomendação de Ricoeur (1973) para a objetivação de performances sociais como textos (ou eventos de ação) e a objetivação (ou “problematização”) do estudo da arquitetura em termos de eventos arquitetônicos. Ricoeur (1973) considera que é possível, e até aconselhável para a interpretação, objetivar certas circunstâncias performativas ou “eventos de ação”, isto é, conceber certos episódios da ação humana como “textos fixos”, de modo que aqueles episódios passageiros possam se tornar acessíveis a certo tipo de escrutínio hermenêutico. Simplesmente imaginar edifícios como sendo textos (prática bastante comum) nos impede de considerar a “ocasionalidade” e/ou “vivacidade” da experiência da arquitetura. Assim, segundo Jones (2016b), para uma hermenêutica da arquitetura é mais proveitoso seguir os fundamentos de Ricoeur e conceber como textos não a arquitetura em si, mas as ocasiões performativas em que edifícios e pessoas estão envolvidos.

O conceito de “evento arquitetônico” também se fundamenta na ontologia da obra de arte de Gadamer

¹ Segundo Zevi (1996) ao contrário da pintura e da escultura, que atuam respectivamente sobre duas e três dimensões, a arquitetura enquanto construção e materialidade tem uma quarta dimensão, representada pela inclusão do homem e de sua vivência no espaço e no tempo.

² Para Ingarden (1989) apesar de a arquitetura ser a mais estática e imóvel das artes, a experiência de apreensão da arquitetura é dinâmica, pois nesse caso as pessoas podem não somente olhar para a obra de arte como também “entrar e se mover” dentro dela.

³ Não existe uma tradução oficial do termo “*ritual architectural events*” usado por Jones, uma vez que suas obras não foram traduzidas para o português. A tradução literal seria “evento ritual-arquitetônico”, entretanto aqui optamos pela denominação de “evento arquitetônico” por entender que a noção de evento é mais abrangente, e que pode englobar também a noção de ritual. Segundo o dicionário Houaiss (2009) evento é um “acontecimento (festa, espetáculo, comemoração, solenidade etc.) organizado por especialistas, com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais”, enquanto ritual pode ser entendido como “culto religioso; cerimônia, liturgia” ou “conjunto de atos e práticas próprias de uma cerimônia ritualística”. Assim, um evento é uma ocasião, episódio da experiência humana, manifestado tipicamente através de performances (dança, drama, entonações discursivas, sequencialidade, gestualidade, musicalidade, etc.), o que pode incluir cerimônias religiosas de diversas índoles, como missas, batismos, funerais, casamentos e etc.



(1999) e suas metáforas de conversação e jogo⁴. Aqui, o jogo (ou conversa) é realizado de maneira convincente entre dois participantes bastante distintos: a obra arquitetônica e os seres humanos que a experimentam. A obra arquitetônica coloca no jogo toda sua existência ôntica, desde os materiais de construção até a estrutura física e outros conteúdos intangíveis incorporados pela edificação. Já os seres humanos trazem ao jogo todas as suas expectativas, tradições e experiências anteriores. O jogo seria a própria situação na qual acontece o envolvimento entre a pessoa e o edifício, ou seja, o “evento arquitetônico”. Assim, a noção de evento arquitetônico consegue abranger todas as forças e fatores que se fazem presentes na situação.

Participar de um evento arquitetônico requer que o participante se envolva e se comprometa com as regras do jogo em um mundo alternativo à realidade exterior. Dessa forma, mesmo pesquisadores da arquitetura (ou campos relacionados) são aconselhados a abandonar a posição objetivista e desinteressada e estarem abertos a se tornarem parceiros em conversas hermenêuticas. Já a obra arquitetônica, outra participante da conversa (jogo), não deve ser pensada como um objeto de reflexão estático, mas como uma parceira dinâmica na conversação, ou, no caso da analogia do jogo, como uma jogadora ativa que responde e evoca respostas aos que a experimentam.

3.2. O duplo mecanismo da arquitetura

Outro conceito importante trabalhado por Jones (2007, 2016b) é o “mecanismo da arquitetura” (*mechanism of architecture*) que corresponde à dinâmica da arquitetura como participante de conversas hermenêuticas. Este mecanismo (ou maneira de proceder) da arquitetura apresenta um padrão duplo, embasado em experiências de familiaridade e estranheza, e faz alusão a mediação de duas faces implícita na ideia de “decoração” de Gadamer⁵.

Essa mediação dupla na experiência da arquitetura pode servir tanto para ampliar o mundo do usuário tornando cada vez mais familiar o que inicialmente parecia estranho, quanto para transgredir (e expandir de uma maneira diferente) este mundo, expondo, desmascarando ou desmistificando aspectos anteriormente ocultados ou tomados como certos.

Os componentes deste duplo mecanismo da arquitetura são classificados por Jones como “ordem” e “variação”. A ordem, a princípio atrai a atenção da pessoa e é familiar, já a variação, traz o elemento de surpresa e trabalha em contraste com a ordem. A ordem é conceituada então como “a metade frontal da arquitetura” (*front half*) e a variação como “a metade posterior da arquitetura” (*back half*). Enquanto a “metade frontal” traz o elemento de encantamento e familiaridade, sem os quais a conversação (ou jogo) em um evento arquitetônico nunca se iniciaria; o componente da variação, a “metade posterior”, traz para o diálogo questões mais substanciais, criando diferentes tópicos para a conversação.

Jones (2016b) acredita que a arquitetura, particularmente a religiosa, tem um potencial intrínseco de coagir as pessoas a participarem de um diálogo hermenêutico e apoia a ideia de que o encantamento com um edifício (proporcionado pela “metade frontal da arquitetura”) começa através de um processo de autoidentificação (as pessoas adaptam-se a uma obra de arte conforme sua percepção de similitude). Do ponto de vista desta hermenêutica da arquitetura, nenhuma obra arquitetônica consegue ser universalmente atraente ou encantadora, uma vez que a história, como memória e

⁴ Para pensar a experiência da verdade na arte, Gadamer “propõe partir da noção de “jogo”: entender uma obra de arte é deixar-se levar por seu jogo. Nesse jogo, somos menos aqueles que dirigem e mais aqueles que são levados, encantados pela obra, que nos leva a participar de uma verdade superior” (GRONDIN, 2012, p.65).

⁵ Para Gadamer a arquitetura, por ser criadora de espaços, não apenas é capaz de abarcar e dispor em si mesma os entes que se encontram em seu círculo de influência como também os remete para o todo de uma conjuntura espacial, que é a própria obra, e que se configura a partir e para além dela mesma. Configura-se então o duplo movimento da arquitetura: atrair para si a atenção e remeter para além de si. Esse duplo movimento é a essência do que Gadamer define como decorativo: não apenas os adornos de uma edificação, mas sim o funcionamento da obra arquitetônica como obra de arte em todos os detalhes ao seu redor (BATISTA, 2013).



tradição, é um fator decisivo no processo de atração. Isso não significa que alguém estrangeiro a uma tradição não possa viver um diálogo hermenêutico com determinada obra arquitetônica, diferentes diálogos podem emergir, embora tendam a ser mais limitados. Como o processo de significação dentro de eventos arquitetônicos é condicionado pela história e tradições sociais, é impossível que todos os significados de uma edificação estejam disponíveis a todos os observadores em todas as circunstâncias.

O segundo componente do duplo mecanismo da arquitetura, a “metade posterior”, se refere ao lado surpreendente e criativo da arquitetura e é ainda mais crucial para o diálogo hermenêutico, pois oferece surpresas e perguntas que levam a reflexões produtivas. É ela que traz a experiência transformadora, a expansão dos horizontes, nos eventos arquitetônicos. Conforme Norberg-Schulz (1965) a apresentação de novas alternativas e possibilidades na obra de arte, podem se mostrar transformadoras e significativas de acordo com sua relação com o mundo de objetos já existentes.

Desse modo, a “metade posterior” seria então mais reveladora a respeito dos tópicos de uma conversa hermenêutica do que a “metade frontal”; pois apresenta o potencial de proporcionar diálogos sobre temas tão diversos quanto filosofia, astronomia, religião, política e sociologia, sendo assim fundamental no processo de decodificação de significados.

3.3. Processos comparativos sincrônicos e diacrônicos

O processo de interpretação hermenêutica da arquitetura proposto por Jones (2016a, 2016b) irá se fundamentar no conceito de "evento arquitetônico" para desenvolver uma alternativa às interpretações acadêmicas tipológicas e classificatórias de arquitetura baseadas em questões de estética, estilo e estrutura das edificações. Segundo o autor, embora essas sejam maneiras aceitáveis de constituir o estudo da arquitetura, elas não são os meios que levarão à apreciação da profusão, multiplicidade e fluidez de significados que a arquitetura pode gerar nas diferentes situações rituais:

That concept (...) arises as an alternative to those very widespread interpretations of art and architecture that presume to retrieve the meaning of this ancient sanctuary, the intention of that megalithic henge, or the significance of some iconographic image (JONES, 2007, p.252).

Estudos da arquitetura embasados em comparações e classificações de edifícios ao invés de eventos arquitetônicos geralmente pretendem assumir uma totalidade, costumando descontextualizar e reificar os significados das obras. Assim, Jones (2016b) propõe alterar o foco (e fundamento) da comparação: das edificações em si ("objetos"), para a maneira pela qual estas são usadas e experienciadas pelas pessoas, especialmente no contexto do ritual (eventos arquitetônicos). Mesmo fazendo ressalvas em relação aos sistemas classificatórios, o pesquisador afirma que não precisamos necessariamente interromper todas as tentativas de comparação, uma vez que este processo é inevitável para a compreensão:

The crucial role of what Gadamer termed foreknowledge or preunderstandings ensures that in all acts of knowing there is already an abstraction, a tendentious, comparative attitude, which foists projections and expectations on the circumstances of our attention (...). Whether we perform comparisons consciously or not, our interpretations of cultures always presuppose ideas that derived from and can only be validated through comparison (JONES, 2016b, Vol. I.4, p.03).

Na verdade, seu rigor ao analisar a questão serve para direcionar sua teoria a um novo caminho de questionamento, a uma estratégia diferenciada de comparação que possa permitir suas avaliações hermenêuticas da arquitetura. Para uma comparação efetiva, assim como na reflexão hermenêutica produtiva, deve haver uma negociação entre similaridades e diferenças, com o potencial de refletir a multiplicidade de significados da arquitetura. Jones (2007, 2016a, 2016b) propõe então dois modos de comparação complementares e sucessivos: um modo sincrônico, focado especialmente em semelhanças transculturais entre arquiteturas religiosas e um modo diacrônico, que se concentra nas

diferenças, no sentido das mudanças ocorridas no decorrer da história da edificação.

A comparação sincrônica envolve a análise de arquiteturas individuais de contextos diversos e culturalmente distintos. Os critérios para esse tipo de comparação são as semelhanças morfológicas, que baseadas em questões de cosmologia, mitologia, ritual e significado fornecem as conexões necessárias entre os diferentes casos.

O aspecto mais controverso das comparações sincrônicas é que elas podem ser vistas como descontextualizadas e historicamente imprecisas. Entretanto, Jones (2016b) justifica o uso da comparação sincrônica como um ponto de partida, um estágio intermediário na investigação hermenêutica, em vez de seu clímax. Ela tem o caráter de experimentação e busca quebrar e expandir a limitação imposta por preconceitos pessoais e disciplinares, abrindo espaço para novas possibilidades, opções e lacunas aparentes que dificilmente teriam ocorrido examinando casos específicos isoladamente. O autor apresenta as comparações sincrônicas dentro de um contexto artificial que prefere chamar de heurístico em vez de histórico.

A proposta de comparação sincrônica, morfológica e transcultural de Jones (2016a) consiste em uma estrutura composta por onze categorias amplas (organizadas na Tabela 1) – homologia, convenção, astronomia, divindade, história sagrada, política, morte, teatro, contemplação, propiciação e santuário – que descrevem uma gama de mecanismos que dão aos eventos arquitetônicos suas características únicas:

Tabela 1: Classificação das prioridades morfológicas dos eventos arquitetônicos

Arquitetura como Orientação: a instigação de eventos arquitetônicos.	
Homologia	Arquitetura religiosa que apresenta uma réplica miniaturizada do universo e/ou está de acordo com um arquétipo celeste.
Convenção	Arquitetura religiosa que obedece a regras padronizadas e/ou prestigiosos precedentes mítico-históricos
Astronomia	Arquitetura religiosa que é alinhada ou referenciada em relação a corpos ou fenômenos celestes
Arquitetura como Comemoração: o conteúdo dos eventos arquitetônicos.	
Divindade	Arquitetura religiosa que comemora, abriga e/ou representa uma divindade, a presença divina ou a concepção de uma realidade suprema.
História sagrada	Arquitetura religiosa que comemora um importante episódio mítico, mítico-histórico ou miraculoso.
Política	Arquitetura religiosa que comemora, legitima ou desafia a hierarquia socioeconômica e/ou a autoridade temporal.
Morte	Arquitetura religiosa que comemora uma autoridade ancestral reverenciada e/ou outros indivíduos ou grupos que já faleceram.
Arquitetura como Contexto Ritual: A forma de apresentação dos eventos arquitetônicos	
Teatro	Arquitetura religiosa que fornece um palco ou pano de fundo para o acontecimento do ritual
Contemplação	Arquitetura religiosa que serve como suporte ou foco para meditação ou devoção.
Propiciação	Arquitetura religiosa e processos de construção planejados para agradar, apaziguar e/ou manipular uma divindade (independente da forma que esta seja concebida).
Santuário	Arquitetura religiosa que oferece um refúgio de pureza, sacralidade ou perfeição.

Partindo do pressuposto de que os eventos arquitetônicos têm um caráter dialógico, as três primeiras categorias listadas nesta tabela dizem respeito às diversas maneiras pelas quais uma "conversa" entre a pessoa e a edificação pode ser iniciada; as próximas quatro categorias abordam o conteúdo ou tópicos comumente abordados nessas conversas; e as quatro últimas categorias exploram os modos de apresentação que são usados para conduzir as conversas. Pode-se observar que as entradas dessa estrutura não direcionam nossa atenção para atributos supostamente universais da arquitetura religiosa, e nem seguem uma sequência temporal, mas traçam um conjunto de prioridades



morfológicas que tentam abordar o modo no qual os edifícios religiosos são projetados, construídos e, o mais importante, experimentados.

Para Jones (2016a) qualquer evento arquitetônico pode participar simultaneamente em várias das categorias morfológicas dessa estrutura; uma vez que estes eventos surgem de um complexo jogo entre múltiplas (e muitas vezes diversas) prioridades, parâmetros, interesses, aspirações e limitações. Assim, a intenção não é criar listas de verificação para ver em que categoria o evento arquitetônico se encaixa, mas auxiliar na discussão de como (e até que ponto) cada uma das categorias apresentadas é pertinente na situação estudada, visando fornecer um vocabulário para ordenar as questões nos debates acadêmicos sobre supostos usos e significados dos vários fenômenos arquitetônicos.

A estrutura proposta pode ser vista, portanto, como um manual ou um guia de rotas interpretativas sugeridas (e sugestivas). O autor declara inclusive que ela está aberta a modificações ou alterações, pois sua intenção é abrir novos caminhos interpretativos, levantar novos questionamentos e criar uma gama de alternativas sobre as maneiras pelas quais as arquiteturas religiosas têm sido experienciadas, em uma tentativa de enriquecer e aprimorar as conversações hermenêuticas posteriores.

Desse modo, a comparação sincrônica é um estágio intermediário na hermenêutica da arquitetura sagrada de Jones. Ela ajuda a preparar o pesquisador para o modo diacrônico de comparação, uma análise rigorosamente mais histórica, de transformações e continuidades, que expressa as relações dialógicas entre o edifício e seus usuários no decorrer do tempo, um procedimento que tende a privilegiar a diferença e a mudança através da composição de histórias de recepção arquitetônicas.

3.4. Histórias de recepção: protocolos para a interpretação hermenêutica da arquitetura

A concepção da história da recepção da arquitetura pode ser entendida como uma versão histórica – e historicizante – de comparação que revela contrastes e diferenças através de dois sentidos: no sentido horizontal, analisa a sucessão de eventos arquitetônicos díspares que ocorreram ao longo da linha do tempo da história da edificação; e num sentido mais vertical, deve contrastar a diversidade de apreensões arquitetônicas provenientes daqueles que participam ou participaram destes eventos arquitetônicos (governantes e governados, mulheres e homens, especialistas e leigos, etc.).

Segundo Jones (2016b), tal proposta é sensível a contingências históricas e não se atém a categorias abstratas. É possível, por exemplo, escrever a história da recepção da Catedral de Notre Dame, mas histórias de recepção para classificações tão amplas como as catedrais francesas tornam-se inviáveis. Em outras palavras, ao escrever histórias de recepção arquitetônicas torna-se imprescindível trabalhar com contextos específicos.

Uma preocupação metodológica, que pode surgir ao escrever tais histórias, é como lidar com a conceituação da experiência humana com a arquitetura. A solução mais comum consiste em explorar o significado através das intenções criativas do arquiteto ou construtor. A partir desse ponto de vista, o edifício serve como o transportador de uma mensagem artística para o usuário e qualquer apreensão inesperada e/ou diferente desta mensagem é relegada ao status de falha de comunicação entre arquiteto e usuário. Dessa forma, os significados mais legítimos – ou talvez os únicos legítimos – da edificação são aqueles pretendidos pelos arquitetos, o significado “original”. Entretanto, Jones (2016b) propõe que esses desvios dos usos e apreensões originalmente previstos para os edifícios sejam incluídos no nosso olhar interpretativo e historiográfico, pois isto assegura o caráter democrático e heterogêneo da interpretação hermenêutica e demonstra as formas muitas vezes não consensuais, incomuns e confusas nas quais os edifícios religiosos são usados e assimilados. Para estar aberto a interpretar a multiplicidade de significados em um evento arquitetônico, o pesquisador deve, portanto, trazer exemplos de diversas audiências.

Porém, assim como as biografias - que sempre entregam apenas relatos resumidos de histórias reais,



multidimensionais e intrincadamente complexas da vida humana - uma história da recepção de uma edificação será necessariamente, altamente seletiva e decididamente incompleta. Como forma de facilitar o processo de seleção historiográfica e torná-lo um pouco mais completo, Jones (2016b) apresenta então cinco protocolos de interpretação hermenêutica da arquitetura:

1) *As intenções iniciais do arquiteto*: refere-se não somente às percepções e preferências do arquiteto quanto à edificação estudada, mas também as contingências histórico-culturais e as configurações de poder que influenciaram suas decisões projetuais.

2) *As experiências rituais dos usuários habituais*: compreendem os usos e as opiniões dos usuários típicos do tempo, denominados também de assíduos, históricos ou primeiros interessados. Na arquitetura religiosa eles são considerados importantes devido aos atos de fé praticados no espaço edificado.

3) *Usos revalorativos por usuários não-habituais*: trata-se dos usuários eventuais (denominados de *outsiders* e *non-believers*), o que pode englobar diversos tipos de visitantes da edificação (turistas ou não). Este grupo de usuários é caracterizado pela heterogeneidade de interpretações, por vezes iconoclastas, e que geralmente são deixadas de lado pelos críticos, que as classificam como frívolas.

4) *Interpretações de intelectuais*: engloba os críticos, especialistas e acadêmicos. Estas pessoas possuem uma bagagem disciplinar ampla e vinculações institucionais regulares (academias, associações intelectuais, universidades, etc.). A interpretação hermenêutica deste grupo vai se caracterizar pela reflexão crítica (de viés pragmático, dialógico, abstrato, especulativo, historiográfico, desmistificador e intelectualizado) sobre a arquitetura e o seu projeto, levando em conta a questão do significado simbólico e espacial da arquitetura. Contrapõe-se à interpretação sensitiva dos leigos através do ceticismo e questionamento (interposição de dúvidas).

5) *Reflexões pessoais e autocríticas do pesquisador*: abrange análises e reflexões do pesquisador sobre suas apreensões e dilemas pessoais em relação à arquitetura estudada. É um protocolo preocupado com os limites pessoais da avaliação, tendo como referência o universo do conhecimento e da cultura de quem interpreta (é, portanto, a particularização do discurso pessoal tendo em vista o discurso dos outros). Esta autocrítica ao demonstrar o horizonte do pesquisador torna mais clara as suas interpretações para seus futuros leitores.

Para Jones (2016b), a composição de uma história da recepção arquitetônica abrangente – ainda que seletivamente incompleta - incluiria entradas de cada um desses protocolos.

4. Considerações Finais

Segundo Pérez-Gómez (1999), após inúmeros anos dedicados a testar possibilidades de discursos instrumentais em arquitetura, tornou-se cada vez mais clara a necessidade de uma alternativa que nos ajude a compreender o papel que o ambiente construído pode desempenhar na sociedade contemporânea. Para o autor, em um mundo tão mutável, tecnológico e veloz, a prática arquitetônica deve ser guiada por uma noção de bem comum, preservando uma dimensão política entendida como a busca humana por estabilidade e autocompreensão. As teorias instrumentalizadas, independentemente de serem guiadas por imperativos tecnológicos, políticos ou formalistas não tem conseguido contemplar esta dimensão.

Snodgrass e Coyne (1997, 2006) afirmam que o processo de projetar, tão essencial na arquitetura, é um ato de criatividade essencialmente interpretativo que está firmemente incorporado à situação humana, pertencendo ao domínio das ações e interações sociais. Dessa forma, pode ser estudado mais apropriadamente em termos de estruturas hermenêuticas do que através de modelos das ciências naturais. Esta abordagem ajudaria a orientar os arquitetos de forma a compreender melhor as



esperanças e aspirações da sociedade, projetando edificações mais apropriadas para cumprir a tarefa social, política e cultural da arquitetura em relação ao bem comum (PÉREZ-GOMEZ, 1999).

Para Gadamer (1999) a arquitetura propicia o espaço dos acontecimentos da vida diária, sendo a mais obrigatória, indispensável e onipresente das artes. A experiência da obra de arte – que também é experiência da arquitetura – nos confrontaria com inúmeras possibilidades de questionarmos ao mundo, aos outros e a nós mesmos. Portanto, no momento que uma edificação é lançada ao mundo, passando a ocupar um lugar na esfera pública, seus significados e valores tornam-se imprevisíveis. A obra transcende o horizonte histórico do seu surgimento, estando aberta a diversas reinterpretações, que não necessariamente coincidem com o que o seu autor intelectual (o arquiteto) imaginou ao concebê-la.

Entretanto, ao longo da história da arquitetura, a questão do significado foi frequentemente tratada a partir de classificações estilísticas/ tipológicas ou reduzida às intenções do arquiteto. Neste sentido, a perspectiva hermenêutica apresentada por Jones (2016a; 2016b) demonstra grande relevância para o campo da arquitetura ao problematizar a interpretação das edificações em termos de eventos que abarcam a proximidade, intimidade e complexidade das relações entre os seres humanos e a edificação tal como experimentada na vida diária. Sendo resultado da experiência humana com a arquitetura, os significados arquitetônicos são entendidos como situacionais, versáteis e mutáveis.

A discussão sobre estes significados é enriquecida pela exposição de Jones (2016a; 2016b) sobre a dinâmica da arquitetura dentro da conversa hermenêutica, demonstrando como uma obra pode suscitar questionamentos que levam a reflexões produtivas, expandindo o horizonte do intérprete e permitindo com que este tenha acesso a novas verdades, não somente sobre a obra, mas também sobre si mesmo. Além da explanação teórica sobre hermenêutica da arquitetura, o historiador tenta fornecer também os meios para a aplicação destes conceitos, visando interpretações mais amplas e aprofundadas das obras arquitetônicas. Neste ângulo, os dois modos de comparação (sincrônico e diacrônico) propostos para compor o diálogo hermenêutico da arquitetura tornam-se complementares e não contraditórios, já que o modo sincrônico é exploratório e o diacrônico intenciona respostas mais específicas.

O objetivo final da hermenêutica da arquitetura religiosa de Jones é a composição de histórias de recepção arquitetônicas criativas e críticas. Essa teoria da recepção envolve a maneira como as pessoas avaliam, interpretam e entendem um edifício, sendo historicamente situada, compreendendo que os significados podem mudar ao longo do tempo. Ela é apresentada como uma alternativa à apreensão estética da arquitetura, sendo composta pelo universo **dos diferentes pontos-de-vista provenientes das interpretações daqueles que experimentam ou decifram a obra (incluindo o próprio pesquisador). Assim, a aceitação dos conflitos existentes entre as diferentes leituras, sejam elas provenientes de leigos (interpretações não dirigidas, não programadas, politizadas, etc.) ou de especialistas (clérigos, historiadores, arquitetos, críticos, etc.) - que são dependentes de contingências históricas, preconceitos (sociais) e orientação disciplinar (hegemônica) - demonstra ser decisiva para garantir o caráter hermenêutico da interpretação da edificação.**

Se a história por muito tempo foi vista como um esforço para recuperar os significados do passado, podemos observar em Jones (2016a, 2016b) que o significado é um processo e não um fim em si mesmo. Embora voltada para a interpretação de edificações religiosas, sua abordagem ultrapassa este contexto, abrindo novos caminhos para a aplicação do pensamento hermenêutico em diferentes áreas da arquitetura. Espera-se assim que seus conceitos sejam cada vez mais estudados e difundidos com intuito de ampliar a compreensão não somente da historiografia arquitetônica como também da atividade criativa do arquiteto.



5. Referências

- BATISTA, G. S. Hermenêutica, crítica da representação e arte: notas sobre Gadamer. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 132 – 144, nov. 2013.
- GADAMER, H. **Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GRONDIN, J. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (CD-ROM).
- INGARDEN, R. **Ontology of the work of art: the musical work, the picture, the architectural work, the film**. Athens: Ohio University Press, 1989.
- JONES, L. Eventfulness of Architecture: Teaching about Sacred Architecture is teaching about ritual. In: BELL, C. (ed.). **Teaching Ritual**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 252 – 272.
- _____. **Hermeneutical calisthenics: a morphology of ritual-architectural priorities**. Vol. i.1, i.2, i.3, i.4. Chicago: Kazi Publications, 2016a. (The hermeneutics of sacred architecture: experience, interpretation, comparison).
- _____. **Monumental Occasions: reflections on the eventfulness of religion architecture**. Vol. i.1, i.2, i.3, i.4. Chicago: Kazi Publications, 2016b. (The hermeneutics of sacred architecture: experience, interpretation, comparison).
- KIDDER, P. **Gadamer for architects**. New York: Routledge, 2013.
- NESBITT, K. Introdução. In: NESBITT, K. (ed.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 15 – 87.
- NORBERG-SCHULZ, C. **Intentions in Architecture**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PÉREZ-GÓMEZ, A. Hermeneutics as Discourse in Design. **Design Issues**. v.15, n. 2, p.71-79, Summer 1999
- RICOUER, P. The model of the text: meaningful action considered as a text. **New Literary History**, v. 5, n. 1, p. 91 – 117, Autumn 1973.
- SARAMAGO, L. Espaço e obra de arte nos pensamentos de Heidegger e Gadamer. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 1, p. 76 – 93, jul 2006. Disponível em: <[https://www.periodicos:ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/797/752](https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/797/752)>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SNODGRASS, A; COYNE, R. **Interpretation in Architecture: Design as a way of thinking**. New York: Routledge, 2006.
- _____. Is Designing Hermeneutical? **Architectural Theory Review**, Sydney, v.1, n. 1, p. 65 - 97, 1997.
- WAISMAN, M. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.



Licensed under a Creative Commons
Attribution International License

ZEVI, B. **Saber ver a Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.